

## DOIS CHAPÉUS VERMELHINHOS: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COM O LIVRO INFANTIL

Andrialex William da Silva <sup>1</sup>  
Manoilly Dantas de Oliveira <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado e configura-se como um estudo de caso, de abordagem qualitativa. Tem como objetivo analisar uma proposta de ensino para a alfabetização e letramento de uma turma de 3º ano do ensino fundamental. A proposta de ensino que aconteceu em quatro dias, foi desenvolvida a partir da obra *Dois chapéus vermelhinhos* de Ronaldo Simões Coelho e ilustrações de Humberto Guimarães. As aulas foram observadas, e como instrumento de coleta de dados foi usado o diário de campo. O referencial teórico se constitui das reflexões de Soares (2016, 2004, 1985) e Brasil (2008) no que se refere ao processo de alfabetização e letramento; e Romani (2011) sobre o livro infantil. Constatou-se que o livro infantil, com seu potencial textual e gráfico, pode ser um instrumento significativo para o trabalho com a leitura e a escrita. Considera-se também importante o trabalho com o gênero textual de forma contextualizada e com foco na usabilidade do texto em uma situação real.

**Palavras-chave:** Livro Infantil, Alfabetização, Letramento, Ensino.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como conhecimento básico e necessário para a vida, o domínio da língua escrita se constitui como um pilar fundamental na escolarização. Devido a sua importância, o processo de alfabetização da criança é alvo de muitas discussões. Nesse sentido, há vários caminhos que podem levar os alunos ao domínio da língua, como os métodos, os materiais didáticos, as práticas pedagógicas, as concepções teóricas e experiências dos alunos (SOARES, 1985). Desta forma, não há apenas uma forma correta de trabalho, mas existem possibilidades para que o aluno chegue ao ‘ápice’ da alfabetização.

Dentre esses caminhos para a alfabetização está o livro. Enquanto objeto cultural (FERREIRA; SILVA, 2017), seu uso nas instituições escolares é um tanto que contraditório. Em alguns casos, são tratados como objeto de desejo e atração educativa ou como objeto apenas decorativo, minimizado suas possibilidades a um “não lugar” no espaço educativo; em outros casos, é usado como um suporte pedagógico para a prática docente.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [andrialex@outlook.com](mailto:andrialex@outlook.com);

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [manoillydantas@gmail.com](mailto:manoillydantas@gmail.com).

Sendo assim, se faz necessário o reconhecimento do enquanto suporte com potencialidades pedagógicas e didática para a aprendizagem significativa do aluno. O livro, no espaço educativo, não pode ser visto apenas por uma vitrine, como ornamento educativo ou se resumir a espaço isolados da escola, mas sim transpassar o material e fazer parte da cultura escolar.

É necessário destacar que quando falamos em livro, dizemos a respeito de uma infinidade de objetos culturais, o livro didático, o de literatura, o paradidático, o livro-objeto, o de imagens, o livro digital e tantos outros formatos (ROMANI, 2011). O livro é um objeto plural e multiforme, porém, sempre se configura como “um suporte portátil que consiste de uma série de páginas impressas e encadernadas que preserva, anuncia, expõe e transmite conhecimento ao público, ao longo do tempo e do espaço” (HASLAM, 2007, p. 9 *apud* RAMONI, 2011, p.14).

Nessa configuração, nosso trabalho buscará discutir sobre um tipo específico de livro: o infantil. Chamamos aqui de livro infantil o suporte descrito anteriormente que tem como público alvo aquele que vive a infância, tendo como compressão sobre infância o entendimento que essa “é uma construção cultural, social e histórica, sujeita a mudanças” (MOMO; COSTA, 2010), mas também uma compreensão biológica de uma etapa de vida do sujeito (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008).

As várias facetas e a dinamicidade da infância são fatores que dificultam a conceptualização do termo, porém, como não faz parte do nosso objetivo o aprofundamento na discussão a respeito da temática, iremos trabalhar com a compreensão epistemológica da palavra. Segundo Andrade (2010, p. 53) “a palavra infância evoca um período que se inicia com o nascimento e termina com a puberdade”. Nesse sentido, o livro infantil é aquele destinado ao sujeito que vive nessa etapa da vida.

Este artigo, em específico, trabalhará com as contribuições de um livro infantil intitulado *Dois Chapéus Vermelinhos* para o processo de alfabetização e de letramento de uma turma de 3º ano do ensino fundamental. Sendo assim, nosso objetivo primário é analisar uma proposta de ensino desenvolvida a partir da obra para a alfabetização e o letramento dos alunos do contexto investigado. Temos ainda como objetivo secundário apresentar reflexões sobre a relação livro infantil e os processos de alfabetização e letramento.

## A DESCRIÇÃO DO CAMINHO: PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo que levou a elaboração desse artigo tem como base as compreensões de pesquisa qualitativa. Para Bogdan e Biklen (1994, p. 49) “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos”, ou seja, para além de compreender que a criança está alfabetizada, é do nosso interesse, enquanto pesquisadores qualitativos, entender o percurso que o aluno fez até consolidar o processo de alfabetização, levando em consideração, especificamente neste trabalho, um episódio em singular com o livro infantil no caminho da alfabetização.

Para além dos pressupostos qualitativos, a investigação se configura como um estudo de caso. Para Gil (2008), essa metodologia de pesquisa é caracterizada “pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Em nosso caso, se trata de uma proposta de ensino no contexto da alfabetização desenvolvida em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental utilizando como suporte do livro infantil *Dois Chapéus Vermelinhos*. Nosso intuito é esmiuçar o episódio a fim de conhecer o processo construído na proposta apresentada.

Esse estudo é recorte de uma pesquisa de mestrado, o caso analisando cumpre os critérios de escolha do campo da investigação para a dissertação, que foram: uma turma de 1º ao 3º ano do ensino fundamental; a turma como um todo precisa estar em processo de alfabetização; a professora da turma precisa se mostrar receptiva para receber a pesquisa em sua sala.

A turma em questão é constituída de 16 crianças, com a faixa etária de 7 a 9 anos de idade. Faz parte de uma escola filantrópica localizada na zona oeste da cidade de Natal – RN/BR. A instituição é localizada em um espaço periférico do município, em um bairro de vulnerabilidade social. A professora e os alunos são moradores do bairro em que instituição do ensino está localizada ou dos bairros vizinhos. A turma conta com uma professora que possui magistério, formada em pedagogia e especialização em LIBRAS, com 18 anos de experiência em sala de aula.

A proposta com o livro infantil durou quatro dias. As atividades feitas pela professora com a turma foram observadas e registradas no diário de campo do pesquisador, além de terem sido fotografadas ora pelo pesquisador, ora pela professora que gentilmente compartilhou as imagens. Na construção do diário de campo, os dias foram divididos em episódios que são

“momentos” do cotidiano da turma, como “escrita da agenda”, “leitura do texto” e “atividade escrita”. Os episódios foram nomeados para orientar o leitor durante o contato com este texto.

## CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE ALFABETIZAÇÃO

Existem diversos fatores que influenciam o processo de alfabetização, desde o material utilizado, as concepções docentes que reverberam na prática, o estilo de aprendizagem do aluno, o método adotado, as condições socioeconômicas e o contexto em que o educando está inserido (SOARES, 1985). Desta forma, é necessário levar em consideração esses elementos quando se pensa em uma proposta de alfabetização, e fazer com que todos eles dialoguem na prática de sala de aula.

Soares (2016) nos explica que a alfabetização é o processo de aquisição da língua escrita, o que leva ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Porém, é necessário destacar que aquisição não se resume ao simples fato de conhecer o alfabeto e construir sons com suas letras, mas, para além disso, significa um processo de compreensão e expressão da parte do sujeito alfabetizado em fazer uso da língua escrita de forma proficiente. Nesse sentido, existe uma dualidade nas habilidades de leitura e escrita (SOARES, 1985).

Como estamos falando de habilidades que lidam com a língua escrita, e esta se apresenta como um código resultado de conversões sociais para representar graficamente a linguagem oral (BRASIL, 2008), é necessário que o usuário entenda essas conversões, conheça os elementos do código e como eles se organizam para que assim consiga fazer uso dele.

Não se pode negar esse caráter mecânico das habilidades que envolvem a língua, e, conseqüentemente, o processo de alfabetização. Porém, as habilidades de leitura e escrita e própria alfabetização estão para além do ato mecânico, uma vez que, a escrita além de se configurar uma forma de registrar a fala por meio do código, também é entendida como uma maneira de expressão e manifestação do sujeito usuário da língua. Da mesma forma que a leitura, além de ser o ato de decodificar a grafia, também, é uma forma de compreensão do mundo (SOARES, 1985).

Sendo assim, não podemos deixar de levar em consideração que a alfabetização tem essencialmente um caráter social, uma vez que a prática com a língua escrita se configura como uma ação de interlocução entre os pares (BRASIL, 2008). Para Cook-Gumperz (2002, p. 19) a “aprendizagem da leitura e da escrita em um ambiente social através de intercâmbios

interacionais nos quais o que deve ser aprendido é, até certo ponto, uma construção conjunta de professor e aluno”.

O autor nos lembra que a alfabetização é uma aprendizagem que possui uma dimensão social assim como outros conteúdos curriculares, uma vez que o objeto de estudo deste processo é uma manifestação da linguagem, e compreendemos a linguagem como forma de interação com outro (COOK-GUMPERZ, 2002). Para além disso, também é necessário pensar no ensino da língua da escrita a partir de situações sociais a fim de significar a aprendizagem por parte do educando (BRASIL, 2008).

Assim, a alfabetização não se constitui como um processo de ensino e de aprendizagem do código apenas pelo próprio código, mas na compreensão de que as habilidades de leitura e de escrita transcendem os símbolos gráficos e se manifestam socialmente. Porém, é necessário esclarecer que a dimensão social da alfabetização não pode se confundir teoricamente com outro processo que tem como protagonista a língua escrita: o letramento.

Os conceitos de alfabetização e letramento ao longo dos anos se confundiram por diversos motivos, como, por exemplo, terem o mesmo objeto de estudo como protagonista, a língua escrita, e por terem sido importados do inglês, que tem grafias muito próximas e que se confundem a partir da palavra *literacy* (SOARES, 2004). Além disso, na prática em sala de aula, em algumas situações, os processos de alfabetização e letramento podem acontecer no mesmo momento e espaço, porém, nem sempre se alfabetiza letrando, assim como nem toda prática de letramento é também de alfabetização. Soares (s.a; s.p.) define letramento como

O desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções.

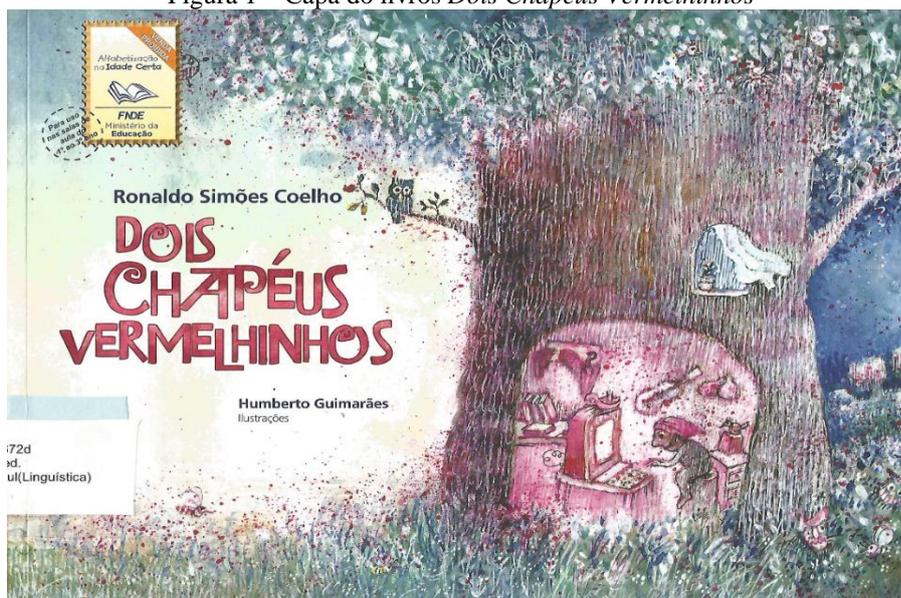
O processo de letramento se preocupa muito mais com a usabilidade da língua em práticas sociais, enquanto o da alfabetização na compreensão do próprio código em suas diversas dimensões. Destacamos ainda que há uma forte discussão entre os pesquisadores da área sobre os encontros e os desencontros teóricos e prática que acontecem entre a alfabetização e o letramento (BRASIL, 2008), porém, trabalharemos nesse artigo com a compreensão de que apesar de processos distintos, eles podem acontecer em colaboração dentro de uma sala de aula.

## CONHECENDO O LIVRO *DOIS CHAPÉUS VERMELHINHOS*

O livro *Dois Chapéus Vermelinhos* é de autoria de Ronaldo Simões Coelho, com ilustrações de Humberto Guimarães. Ambos os profissionais possuem certa notoriedade no campo literário por suas publicações e primeiros ganhos na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), além de já terem trabalhado juntos em outros livros como “*Chuva e Chuvisco*”, “*A Laranja Colorida*” e “*Doido Varrido*”.

A obra *Dois Chapéus Vermelinhos* teve sua primeira edição publicada em 2010 pela editora Aletria, e quatro reimpressões nos últimos anos, sendo a última em 2017. O livro faz parte do acervo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), sendo adquirido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) do Ministério da Educação para ser distribuído nas escolas públicas do país para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano do ensino fundamental.

Figura 1 – Capa do livros *Dois Chapéus Vermelinhos*



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

O livro nos apresenta a relação que a Chapeuzinho Vermelho desenvolveu com o Saci Pererê. Inicialmente, a garota europeia tem informações sobre o moleque brasileiro por meio de livros que ela encontra em uma biblioteca pública. Curiosa pelo menino que usa um adereço na cabeça da mesma cor que o dela, a menina resolve entrar em contato por e-mail.

Ao longo do livro podemos notar a evolução da relação criada entre as personagens e a intimidade que vai se fazendo cada vez mais presente a cada novo e-mails. Essa evolução poder ser notada, por e-mail quando inicialmente as personagens se tratavam com termos como

“Prezado Senhor Saci Pererê” e “Cara senhora Chapeuzinho Vermelho”, e ao fim do livro dispensam a formalidade e passam a utilizar “Amigo Saci” ou “Minha querida amiga”.

Outro elemento interessante que podemos destacar do livro é o endereço eletrônico das personagens evidenciando elementos de suas respectivas origens. Enquanto o endereço do Saci Pererê era “saciperere@floresta.com.br”, apresentando o domínio em português e a sigla do Brasil, o endereço da Chapeuzinho Vermelho, “chapeuzinho@foret.com.fr”, apresenta o termo “foret”, que traduzido do francês significa floresta e finaliza com a sigla da França.

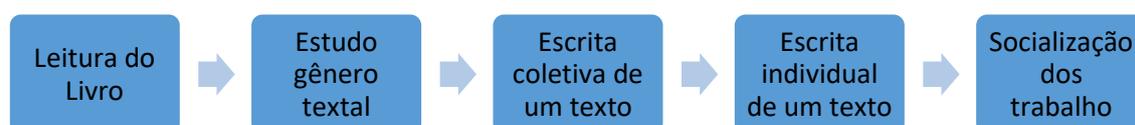
Ao longo da conversa entre o Saci e a Chapeuzinho outras figuras vão aparecendo, tanto da realidade, como o Monteiro Lobato, Câmara Cascudo e Marcel Aymé, dois escritores brasileiros e um francês, respectivamente, quando personagens ficcionais brasileiras, como Dona Benta e Visconde de Sabugosa e francesas, como a referência feita pelo Saci a Branca de Neve para pergunta sobre a cor de Chapeuzinho.

Para além disso, durante o livro as personagens vão apresentando aspectos da cultura dos seus respectivos países de origem e ensinado um ao outro, novos elementos de suas línguas de origem, de seus espaços ficcionais, dos lugares que ocupam no enredo que os deram vida. O encontro virtual entre as duas figuras uma instigante conversa sobre diferentes elementos de ambos os universos e possibilitar o interesse pelo gênero textual inusitadamente utilizado para contar a história dessa amizade.

## A PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COM O LIVRO INFANTIL

Ao se propor usar um material em a sala de aula é necessário pensar nas diversas potencialidades desse instrumento para as práticas que serão desenvolvidas, além de refletir e planejar qual será o fim pedagógico daquela proposta para determinando contexto educativo. Nesse sentido, a professora Benta, pseudônimo dado pelos autores ao sujeito da pesquisa, tomou o seguinte percurso metodológico com o livro *Dois chapéus vermelhinhos*:

Figura 3 – Esquema do percurso metodológico feito pela professora



Fonte: Elaboração dos autores

Elementos desse percurso não estavam no planejamento inicial da professora, porém, ela flexibilizou sua proposta afim de atender uma demanda de seus alunos e as sugestões de suas colegas docentes. Por exemplo, a escrita coletiva de um texto partiu de uma proposta dos alunos, como costa em nosso diário: “Os alunos tiveram a ideia de mandar um e-mail para a coordenadora da escola. A professora então perguntou o que eles queriam dizer para coordenadora, e eles [...] decidiram convida-la para ler a história que gerou esse momento: *Dois chapéus vermelhinhos*. (Diário de campo, dia 2).

Podemos, então, notar que a professora estava aberta para ouvir seus alunos e rever seu planejamento caso necessário. Nesse sentido, compreendemos que “uma organização pedagógica que deve ser flexível, aberta ao novo e ao imprevisível” (BRASIL, 2012, p. 10). A flexibilização da prática, o currículo em ação, permite uma conversa aberta entre os pares e um real espaço democrático de ensino, onde enquanto um fala o outro ouve, o que desconstrói a perspectiva hierarquizada de educação, onde o professor de detentor do poder o aluno um sujeito passivo no processo de escolarização (FREIRE, 2016).

No primeiro momento da proposta, a professora permitiu que os alunos conhecessem o livro que seria trabalhado:

[...]a professora iniciou a leitura da capa, passando o livro para os alunos. Cada um poderia ler os elementos da capa, incluindo o título, o autor, o ilustrador, a ilustração e etc. O livro passou na mão de todos da turma, e o aluno só passava o livro em diante quando terminava de ler cada detalhe, sem pressão por parte da professora ou dos demais alunos para que fosse rápido. [...] deu seguida a leitura. Inicialmente, todos sentados na roda, porém a como o texto do livro era extenso, a professora se deitou no tapete juntamente com os alunos (Diário de campo, dia 1).

A docente se preocupou em permitir que os alunos se aproximassem do objeto cultural e se familiarizassem com ele. Para Romani (2011, p.13) “os pequenos leitores adoram interagir com o objeto livro, manipular ou passar a mão na textura das folhas”. Para Tinoco (2009, p.3) “ler é atribuir sentido (s) a textos verbais e não-verbais”. A docente compreende que a leitura não se resume apenas as palavras e oportuniza que seus alunos vivenciem essa experiência.

Durante a leitura do livro, a professora fazia pausas estratégicas para algumas explicações, como por exemplo, explicar o e-mail das personagens, ([saciperere@foloresta.com.br](mailto:saciperere@foloresta.com.br); [chapeuzinho@foret.com.fr](mailto:chapeuzinho@foret.com.fr)), ou sobre diversos elementos que aparecem ao longo da história, tais como as figuras de Monteiro Lobato e Santos Dummont, curiosidades sobre os países Brasil e França, etc. Essas conversas durante a leitura permitiram

que os alunos se aproximassem ainda mais do texto lido e compreendessem que este se relaciona com outros elementos do mundo externo.

O próximo passo da professora, foi trabalhar o gênero textual e-mail. A professora precisou conhecer elementos que não fizeram parte de sua formação inicial, tais como os domínios dos endereços eletrônicos e o porquê da utilização do @. O e-mail é um gênero textual que surgiu a partir das novas tecnologias, e para Penin (2015, p. 36) “a introdução dessa nova tecnologia de comunicação já começa a modificar a cultura”, e a medida que modificar a cultura, transforma a forma de fazer aulas.

A professora precisou compreender o gênero textual fruto dessas novas tecnologias, entender sua função social e suas características, para então fazer a aula com os alunos, afinal, as novas tecnologias fazem parte do contexto social das crianças. Penin (2015, p. 37) nos diz que os professores “precisam relacionar e dar sentido a essa trama a que os alunos submetidos”.

Além disso, faz parte do processo de letramento trabalhar essa usabilidade social do texto (TINOCO, 2009), não só no processo de escrita, mas também no processo de leitura. Após a explanação da professora, os alunos propuseram a escrita coletiva de um e-mail para a coordenadora da escola, como dito anteriormente. Na escrita coletiva cada estudante, de modo voluntário, pode propor um trecho do e-mail, ao mesmo tempo em que demais iam fazendo sugestões que pudessem melhorar o texto. Desta forma o resultado final foi o seguinte:

*Bom dia Coordenadora, tudo bem?  
Nós estamos estudando sobre o e-mail. Nós estamos aprendendo como se mexe no e-mail.  
Isso tudo começou quando a professora leu o livro sobre a Chapeuzinho Vermelho e o Saci, eles se comunicavam pelo e-mail. Você aceita o convite para a gente ler o livro para você? O livro tem como título "Dois chapéus vermelhinhos".  
Um abraço e um beijo,  
Turma do 3º ano A.  
(Diário de campo, dia 2)*

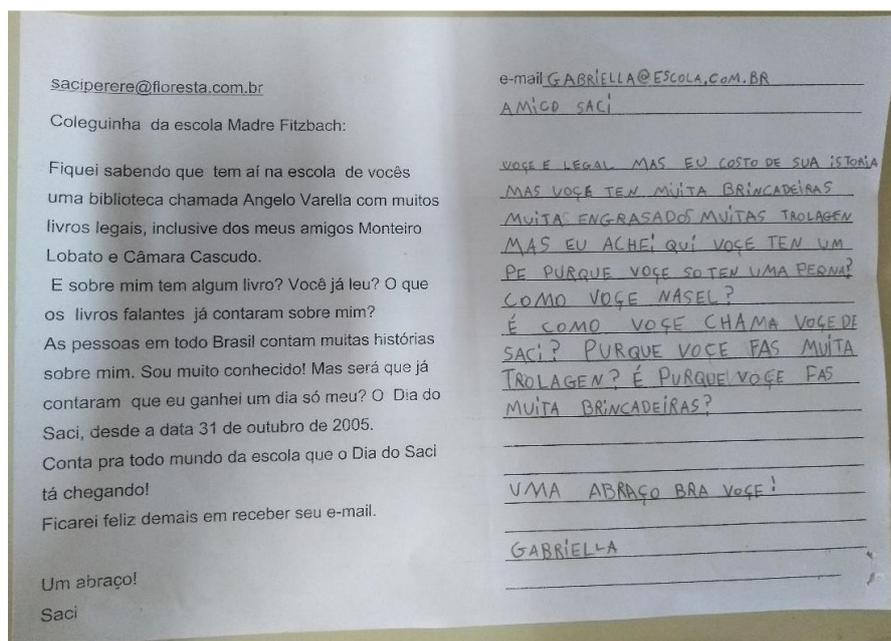
O e-mail foi enviado para a coordenadora, porém, a devolutiva não foi um texto por parte da coordenadora, mas uma visita dela a sala de aula da turma. Compreendemos que uma oportunidade de dar ênfase ao uso social do texto foi perdida na ausência desse retorno escrito, mas o objetivo foi alcançado com a ida da coordenadora a sala. Para Kleiman (2000, p. 238) letramento se constitui justamente nessa relação, uma que é que a “Prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum outro fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita”.

Para além disso, a troca entre os alunos, no processo de escrita, colabora para alfabetização, uma vez que dúvidas podem ser sanadas no coletivo. Porém, é necessário uma mediação atenta as particularidades dos alunos, de forma que um estudante não se sobreponha

ao outro, ou que um aluno não diminua seu colega por uma dificuldade com a língua escrita, evitando situações traumáticas.

No dia seguinte após a produção coletiva, a professora propôs uma produção individual. Apresentando um e-mail escrito por ela, usando as características que o autor do livro *Dois chapéus vermelhinhos* utilizaram, como por exemplo, o endereço eletrônico do Saci Pererê, a docente convidou aos alunos a dar uma resposta a personagem da história.

Figura 4 – Atividade de produção individual de um e-mail



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Os alunos precisaram, primeiramente, escolher um endereço eletrônico e tiveram que, trabalhar em duplas, tentando um sanar as dúvidas do outro, mesmo que a escrita fosse individual. Na primeira versão do texto não houve intervenções da professora, assim a docente pode verificar o nível de escrita dos alunos, os conhecimentos já consolidados e as lacunas. Apenas após esse momento a professora fez as indicações necessárias para os ajustes dos textos. A produção dos alunos teve um fim na própria escrita, porém foi um momento significativo para o processo de alfabetização dos estudantes.

Por fim, a proposta do trabalho com o livro *Dois chapéus vermelhinhos* aconteceu próximo ao dia 31 de outubro, dia nacional do Saci Pererê, dia que se apresenta como uma resistência a colonização norte americana e a valorização da cultura popular. Neste dia os alunos se fantasiaram da personagem e apresentaram para o resto da escola elementos folclóricos e o livro que foi trabalhado na turma, convidando o resto da escola a ter contato com o material.

## **O FIM DA CAMINHADA: REFLEXÕES E APONTAMENTOS DERRADEIROS**

Compreendemos que a proposta desenvolvida pela professora possui pontos negativos e positivos, como qualquer outra proposta de ensino. Entendemos que era possível trabalhar mais usabilidade social do gênero textual e-mail, uma vez que, este gênero está fortemente presente em nossa sociedade, e o momento em que foi utilizado para levar uma informação real a alguém, apesar de ter se tornado um ponto positivo, foi uma adaptação da proposta original. Porém, destacamos que essa adaptação proposta pelos alunos contemplou aspectos do processo de letramento.

Além disso, as produções finais dos estudantes não foram exploradas em outras situações, e os questionamentos que alguns alunos fizeram em seus textos foram ignorados, o que pode causar uma frustração nos alunos. Entretanto, para o processo de alfabetização a produção final colaborou para a professora fazer um diagnóstico do nível de escrita dos estudantes, além de averiguar as principais dificuldades de alguns alunos.

É necessário compreendermos que toda proposta de ensino está passível de críticas e de ser melhorada, por isso, nosso intuito aqui não é diminuir a vivência, mas sim olhá-la de forma analítica. Por fim, destacamos que os mais diversos livros, desde que possua qualidade gráfica, e textual, pode colaborar para os processos de alfabetização e letramento, assim como, para a realização de práticas exitosas de trabalhos bem planejados, como a proposta apresentada nesse artigo.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, L. B. P. Tecendo os fios da Infância. In.: \_\_\_\_\_. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 47-77.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa : planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento : projetos didáticos e sequências didáticas : ano 01, unidade 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012. 48 p.

COOK-GUMPERZ, Jenny. Alfabetização e escolarização: uma questão imutável. In.: \_\_\_\_\_. (Org.). A construção Social da Alfabetização. Porto Alegre: ARTMED Editora, 1991.

FERREIRA, A. A. S; SILVA, M. T. Livro infantil na categoria criança da FNLIJ: design, ilustração e comunicação na primeira década de premiação. Revista INTERLETRAS, V. 6, Edição número 24, abril de 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas da Pesquisa Social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KLEIMAN, Angela B. O processo de aculturação pela escrita: ensino de forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, Inês. O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2000

MOMO, M; COSTA, M. V. Crianças Escolares do Século XXI: Para se pensar uma infância pós-moderna. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.141, p.965-991, set./dez. 2010.

NASCIMENTO, C. T; BRANCHER, V. R; OLIVEIRA, V. F. A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. Revista Contexto e Educação. Ano 23, nº 79, jan./jun. 2008.

PENIN, Sonia T. S. Didática e cultura: o ensino comprometido com o social e o contemporâneo. In: CASTRO, Amélia D; CARVALHO, Anne M. Pessoa. Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. Cengage Learning: São Paulo, 2015. p. 33 – 53.

ROMANI, Elizabeth. Design do Livro-objeto infantil. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo: São Paulo. 2011.

SOARES, M. As muitas facetas da alfabetização. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 19-24, Fev. 1985.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro , n. 25, p. 5-17, Apr. 2004.

\_\_\_\_\_. Alfabetização: a questão dos métodos. Editora Contexto: São Paulo. 2016. 384p.

\_\_\_\_\_. Letramento. In.: FREDE, I; VAL, M. BREGUNCI, M. Glossário Ceale\*. Belo Horizonte: UFMG. Disponível: <  
<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento> > Acessado em 01 de setembro de 2019.

TINOCO, Glícia A. Usos sociais da escrita + projetos de letramento = ressignificação do ensino de Língua Portuguesa. In: TINOCO, Glícia A. Usos sociais da escrita + projetos de letramento = ressignificação do ensino. In: Interação, gêneros e letramento: a (re)escrita em foco. Organização: Adair Vieira Gonçalves e Milene Bazarim. São Carlos/SP: Editora Claraluz, 2009. 272 p.